

A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-FUNCIONAL DE *SENDO QUE* NO PORTUGUÊS EUROPEU ENTRE OS SÉCULOS XVI A XX⁷⁷⁹

André Luiz RAUBER (UFMT, PGS-USP, bolsa CAPES)⁷⁸⁰
Madalena Dias TEIXEIRA (Instituto Politécnico de Santarém, CEAUL)⁷⁸¹

Resumo: Com base numa perspectiva funcionalista da linguagem (GIVÓN, 1995), investigamos a variação semântico-funcional da construção *sendo que* ao longo de quatro séculos do português Europeu. A amostra deste estudo foi extraída do *Corpus do Português* de Davies e Ferreira (2006) e do *corpus* histórico de Tarallo (1991). O século XVI apresenta a primeira ocorrência com função causal. No século XIX, a perífrase acumula uma função partitiva. Usos ao longo da história do PE sugerem um *continuum* semântico-funcional de *sendo que* domínio causal à especificação. Princípios da Gramaticalização (LEHMANN, 2008, 2011; BYBEE E HOPPER, 2002; BYBEE, 2010) são acionados nesta análise.

Palavras-chave: Variação semântico-funcional. *Sendo que*. Português Europeu.

1. Introdução

Este trabalho insere-se numa perspectiva teórica funcionalista nos moldes propostos por Givón (1995), segundo o qual o sistema comunicativo humano combina um número de módulos funcionais mutuamente inter-relacionados. Estes podem ser divididos em dois grandes grupos: i) o sistema de representação cognitiva - nele estão os domínios léxico conceptual, a informação proposicional e o discurso; e ii) os sistemas codificados, tal como o sistema gramatical (GIVÓN, 1995, p.394). Investigamos as nuances semântico-funcionais da perífrase *sendo que* no português Europeu (PE), cujos usos denotam a derivação de um domínio menos gramatical para outros mais relacionais, logo, mais gramaticais. Para isso lançamos mão dos estudos de Gramaticalização.

A Gramaticalização é aqui referenciada, principalmente, a partir dos trabalhos de Hopper e Traugott (2003) e Lehmann (2008). Para estes, a mudança linguística está condicionada a mudanças unidireccionais que evidenciam a derivação de categorias mais lexicais, ou seja, [-gramaticais], para outras mais funcionais, logo [+gramaticais]. Neste trabalho, seguiremos essa perspectiva teórica para a observação e análise diacrônica do *continuum* semântico e funcional da construção *sendo que* no PE do século XVI a XX. A amostra investigada constitui-se de textos escritos de variados gêneros do PE extraídos do *corpus* eletrônico de Davies e Ferreira (2006) e da amostra histórica do português de Tarallo (1991).

Hopper e Traugott (2003) afirmam que, durante o percurso natural de uma língua, algumas construções copulativas passam a funcionar como conectores mais gramaticalizados

⁷⁷⁹Este estudo compreende parte de uma pesquisa em linguística, desenvolvida na Universidade de Lisboa, durante o período de estágio de doutorado (julho/2012 a junho/2013), de um dos autores deste ensaio, financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), sob o Processo BEX nº 5141/12-5, e coorientado pela Profa. Dra. Madalena Teixeira (IPS, CEAUL).

⁷⁸⁰Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso, *campus* Rondonópolis. Doutorando em Filologia e Língua Portuguesa do Programa de Pós-Graduação da FFLCH/USP, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes. E-mail: andrerauber@hotmail.com.

⁷⁸¹Doutora em Linguística. Docente da Escola Superior de Educação de Santarém, do Instituto Politécnico de Santarém, e investigadora do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa (CEAUL). E-mail: madalena.dt.gmail@com.

em alguns contextos linguísticos. Essa é uma hipótese que será verificada com a construção em epígrafe. O aspecto semântico do verbo *ser* parece emprestar seu traço [+relacional] à perífrase *sendoque*. Inicialmente, é possível encontrar contextos nos quais o *que* não é um elemento obrigatório, podendo o *sendo* prescindir daquele ou tê-lo em outra posição, como mostra o exemplo (1) extraído do século 17 *docorpus* de Davies e Ferreira (2006):

- (1) Das obras boas não faz caso, **sendo que** estas unicamente entrarão com ele à presença do supremo juiz, onde podem valer-lhe. (17DF20)⁷⁸²

Neste caso, poderíamos ter, por exemplo, a paráfrase: *Das obras boas não faz caso, sendo estas que unicamente entrarão com ele...* O valor de verbo cópula mantém-se em (1) e a construção *sendo que* parece funcionar como um focalizador, realçando o pronome anafórico *estas*.

Já em (2), um exemplo retirado dos dados do século 20, a perífrase *sendo que* mostra-se mais amalgamada e já não é possível separá-la ou mesmo alterar a sua posição na sentença.

- (2) ...Jean-Marie Le Pen não foi além dos 17,9%, **sendo que** a taxa de abstenção atingiu quase os 30%. (20DF95)

- (2*) Jean-Marie Le Pen não foi além dos 17,9%, **sendo a taxa** que de abstenção atingiu quase os 30%.

Em (2), *sendo que* funciona como um par forma e função, ou seja, uma **construção** segundo a definição de Goldberg (1995). Já não é possível separar essa perífrase com elementos intervenientes sem *que*, com isso, o seu sentido seja prejudicado ou alterado completamente, como evidenciado na agramaticalidade de (2*).

Diante dos exemplos em (1) e (2), podemos constatar que a construção *sendo que* tem passado por processos de variação e mudança semântico-funcionais nas amostras escritas do PE desde o século XVI. Nessa variedade do português, ela chega ao século XX desempenhando diversas funções, dentre elas a de um elemento linguístico com valor especificante em relação à informação que a precede. O contexto (3), encontrado nos dados do século XXI e retirado do banco de dados do *CetemPúblico* (*corpus* digitalizado com milhares de palavras do PE e do Português Brasileiro – PB), ilustra tal aceção:

- (3) Os distritos com maior número de incêndio desde o início do ano são os do Porto, com 2762, seguido de Braga, com 2062, e Viana do Castelo com 1292, **sendo que** os dois últimos também apresentam o maior número de hectares ardidos. (CetemPúblico, 2008)

Nesse excerto, pode-se inferir que a destruição causada pelo fogo nos Distritos de Portugal foi maior no Porto, com incidência de 2762 focos de incêndio, enquanto que em Braga ocorreram 2062 e em Viana do Castelo, 1292. Entretanto, a informação mais precisa é de que, embora o número de focos de incêndio tenha sido maior no Porto, foi em Braga e em Viana do Castelo que a extensão da destruição foi maior. A fim de especificar e tornar a informação mais fidedigna, o usuário do português emprega a construção *sendo que*. É como se de uma sequência informativa A e B fosse extraída a informação mais relevante, delimitada em AB ou C, e o emprego do *sendo que* assumiria uma função especificante nesse contexto:

A: Ocorreram incêndios no Porto, Braga e Viana do Castelo >

B: No Porto houve mais incidência ou focos de incêndio >

AB ou C: **Sendo que** Braga e Viana do Castelo tiveram mais área queimada.

⁷⁸² Os dados dos *corpora* aqui analisados foram assim etiquetados: Século (16, 17...), seguido do nome do *corpus*: DF para Davies e Ferreira e T para Tarallo, e, finalmente, o número da ocorrência.

Acreditamos que esse uso de *sendoque* aproximar-se-ia do mesmo processo desenvolvido pelo Partitivo⁷⁸³. No entanto, nem sempre essa relação pode ser observada desse modo, uma vez que tal construção tem revelado, a partir dos dados diacrônicos e sincrônicos observados, alto grau de polissemia e polifuncionalidade. Eis, então, o motivo que nos levou a analisar o seu comportamento semântico e funcional numa amostra diacrônica do PE, a fim de ter respostas para os seguintes questionamentos: Qual seria o sentido primeiro desta construção quando usada inicialmente no PE? Qual é o seu comportamento semântico e morfosintático ao longo da sua história no PE? A derivação cópula > conectivo é viável para os contextos gramaticais de *sendo que*? E a hipótese do Particípio é pertinente para explicar usos como em (3)?

Nesta breve exposição, apresentamos resultados parciais de nossa investigação, que se vincula a um estudo maior e que investiga, diacrônica e sincronicamente, os usos e funções do *sendo que* em duas variedades do português, o PE e o PB.

2. A seleção do *corpus*

A amostra selecionada para esta análise baseia-se, especialmente, no *corpus* eletrônico do português de Davies e Ferreira (2006). Sobre essa fonte de dados, cabe mencionar que, apesar de sua extensão - contém em seu banco de dados mais de 45 milhões de palavras do português (PE e PB), do século XIII a XX -, não há um tratamento filológico muito rigoroso. A datação, em certos casos, não está claramente definida e, a depender do século, os dados do PB e do PE podem aparecer conjuntamente, mesmo quando selecionado, no sistema de busca do *site*, o parâmetro “apenas PE”.

Por outro lado, o banco de dados desse *corpus* é extremamente significativo em número de palavras e textos do português, o que nos possibilitou, por exemplo, encontrar ocorrências de *sendo que* que não apareceram em outros *corpora*, como o *corpus* diacrônico de Tarallo (1991). Assim, optamos pela amostra do PE de Davies e Ferreira, tomando extremo cuidado com os resultados, conferindo a datação, a autoria e a variedade do português de todas as ocorrências encontradas. Para minimizar tais problemas, após a extração dos dados desse *corpus*, submetemos os resultados a uma triagem manual a fim de conferir datas e excluir aqueles excertos que pertenciam à variedade do PB. Além disso, utilizamos a amostra de Tarallo (1991) para comparar com os resultados da amostra de Davies e Ferreira. Vale ressaltar, contudo, que o *corpus* de Tarallo também possui textos do PB, mas com número significativo somente a partir do século XVII, assim, a amostra do período do XIII ao XVI traz, em sua maioria, documentos do PE ou escritos por portugueses em viagem ao Brasil.

3. Sobre a noção de partitividade

O conceito de partitividade, segundo Peres (1992), é essencialmente semântico, porque está relacionado à habilidade humana de contagem e medição. Sendo assim, a tentativa de anotar a sua contraparte sintática encontra, inevitavelmente, diferentes critérios – aos quais correspondem diferentes perspectivas sobre os partitivos – que podem se sobrepor.

⁷⁸³ Um sentido adversativo também parece estar subentendido neste caso. Acreditamos que a adversatividade é aqui um traço semântico da função concessiva que essa construção pode indicar. Identificamos sentidos concessivos já em dados do século XVII do PE. No século XVII, há também contextos com valor adversativo: *Amava Predestinado a Precito como irmao, sendo que era dele muitas vezes murmurado e nao poucas perseguido* (Séc.17, DAVIES e FERREIRA, 2006). Entretanto, no caso apresentado em (3), tem-se, simultaneamente, uma especificação do conteúdo informado e um acréscimo informativo.

Concordamos com Peres (1992), contudo, acreditamos que a noção de partitividade deriva, geralmente, de uma necessidade pragmática e comunicativa. O falante, ao se deparar com situações que lhe exijam maior precisão informativa, precisa lançar mão de um recurso da língua que indique essa especificidade. O partitivo pode ser esse recurso e já é usado desde o Latim, por exemplo, no antigo caso Genitivo. Assim, tendemos a acreditar que não apenas o aspecto semântico, mas também o pragmático e o cognitivo estão envolvidos na configuração morfossintática dessa categoria e contribuem para a sua estruturação linguística.

Numa perspectiva funcionalista, que considera a gramaticalização, o partitivo, nas palavras de Heine e Kuteva (2002, p.33), pode ter derivado do caso Ablativo. Para provar essa tese, os autores apresentam evidências translinguísticas, entre outras, do francês, alemão, búlgaro e finlandês.

Na língua búlgara, a mesma marca linguística que indica o caso ablativo (*ot*) passa a desempenhar a função de um marcador partitivo: *Tojidvaotbasejna* (Ele está vindo da piscina) > *polovinataotsäkrovišteto* (metade do tesouro). Já na língua basca, o morfema (*r*)*ik* compõe com o radical da palavra a noção de partitivo. Segundo Heine e Kuteva (2002), essa partícula parece derivar de um ablativo anterior.

Os autores citam também o trabalho de Harris e Campbell (1995, p.339-41). Estes observam que o desenvolvimento de um partitivo fora de uma expressão *parte-de*, através de um genitivo ou de um locativo (no significado grosseiro ‘de’ [ing. *from*]), é um bom candidato para uma mudança unidirecional, para a qual não se conhece contraexemplo.

Em particular nas línguas de base românica, o Latim já trazia no caso Genitivo a marcação linguística da partitividade, como em *Callidissimus imperatorum* (O mais hábil dos generais), retirado de Miranda (1962, p.261-262).

De acordo com Mateus *et alii* (2003, p.227), a marcação do partitivo mantém-se no português nas expressões partitivas em que, de um conjunto considerado, se efetua a extração de uma parte: O João conhece *uma das praias da costa alentejana*.

Para a classe dos numerais, o Latim possuía uma categoria distributiva. Segundo Miranda, (1962 [1901], p.261-262), “os distributivos respondem à pergunta: *quantos para cada um*, ou *quantos de cada vez? quoteni?* e com eles estão relacionados os *advérbios numerais: semel*, uma vez; *bis*, duas vezes; *ter*, três vezes; etc., que respondem à pergunta: *quantas vezes? quotie(n)s?* Isso pode ocorrer quando o mesmo número se aplica a cada uma das várias pessoas ou coisas, por exemplo: *Caesar et Ariovistus denos comites adduxerunt* (op. cit.), que significa: levaram *cada um* dez companheiros.

De acordo com Houaiss e Villar (2009), no PE arcaica, havia as construções *sendos/sendas, senhos* (séc. XIII), com o sentido de “um para cada qual, a cada um o seu: *tratara-os bem, oferecendo-lhes senhas casas*” (Houaiss e Villar, 2009, p.1728). Segundo Figueiredo (1996, p.2297), **sendo** tem seu étimo derivado do castelhano *sendos* – língua em que se matem até hoje – com a função de um adjetivo. Em Silva (1949, p.48), encontramos a seguinte descrição: “**sendos**, *adj. pl. Ant.* Dizia-se de vários objectos da mesma natureza que se referem ou pertencem a diferentes pessoas, levando ou tendo cada um o seu: ‘...o qual os recebera bem, e lhe dera *sendas* cabaias’, João de Barros, *Décadas*, IV, X, cap. 9, 592, ed. de 1946. Obs. Considerando a utilidade inegável desse distributivo, alguns autores modernos têm procurado pô-lo de novo em voga.”

O que podemos supor, entretanto, é que, como no PE e mesmo no PB essa construção não é mais usada, talvez outra tenha assumido o seu lugar em contextos que denotam uma leitura distributiva, como o exemplo (4) sugere:

- (4) O ‘escalafón’ dos bandarilheiros não sofreu alterações significativas, **sendo que** Joaquim Praxedes, João José, João Vilaverde, José Franco ‘Grenho’ e Albino Fernandes ultrapassaram as 60 corridas. (CetemPúblico)

4. A hipótese da derivação copulativo > conectivo

Hopper e Traugott (2003, p.184) afirmam que as línguas do mundo dispõem de uma grande variedade de técnicas para conectar orações em fusões mais amalgamadas. A gramaticalização desses conectores oracionais pode ocorrer a partir de diferentes fontes, como nomes, verbos, advérbios, pronomes, morfemas de caso (incluindo preposições e posições), afixos derivacionais e combinações frasais (ex. *em termos de*).

Os conectores oracionais, para Hopper e Traugott (2003, 185), são em sua origem presumivelmente motivados pelo desejo do falante de ser claro e informativo, especialmente para direcionar a interpretação pelo ouvinte da oração em termos de seu ambiente linguístico. Observam que uma das fontes dos conectivos condicionais deriva de construções cópula e são demonstradas pelos exemplos das línguas Swahili: *i-ki-wa* (*it beingthat = if it is*), japonesa: *nara*(*be*), e Chikasaw(*h*)*oo* (*be*). Também no chinês, a forma *shi*(*be*) deu origem a um marcador condicional “se”. De acordo com Heine e Kuteva (2002, p.95), a natureza conceptual desse processo precisa ainda ser melhor esclarecida e é provável que ela esteja relacionada à direção(>) *S-QUESTION > CONDITIONAL* (*op. cit.*).

Da mesma forma, o verbo cópula *ser* compõe a perífrase [*SER*_{gerúndio} + *QUE*], presente também em outras línguas, como o espanhol, o italiano e até mesmo o inglês. Nelas, pode assumir diferentes funções: causa, concessão, oposição, delimitação. Acreditamos que o valor relacional, que a forma *ser* apresenta deste o seu emprego no Latim, seja o traço semântico que possibilitou a evolução de *sendo* como conector mais gramaticalizado ao se aproximar do *que* e com ele formar a perífrase *sendo que*.

5. Contextos de uso de *sendo que* no PE: estudo histórico

Analisaremos a frequência de uso do *sendo que* a partir dos parâmetros de frequência *token* e *type* de Bybee e Hopper (2002) e Bybee (2010). O primeiro parâmetro mede a repetição textual, já o segundo, cada padrão de uso identificado.

A primeira ocorrência da construção *sendo + que* foi encontrada nos documentos do século XVI do *corpus* de Davies e Ferreira (2006). Antes disso, não há registros de *sendo que* no *corpus* de Davies e Ferreira (2006), nem mesmo de Tarallo (1991). A frequência *token* de *sendo que*, a partir do século XVI até o XX, corresponde aos números absolutos apresentados no quadro 1:

Quadro 1: Frequência *token* de *sendo que* no *corpus* diacrônico do PE

Período	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	Total
<i>Tokens</i>	2	74	38	53	101	270
<i>Tamanho</i>	4.333.175	3.272.161	2.189.415	9.736.533	10.215.560	29.746.844

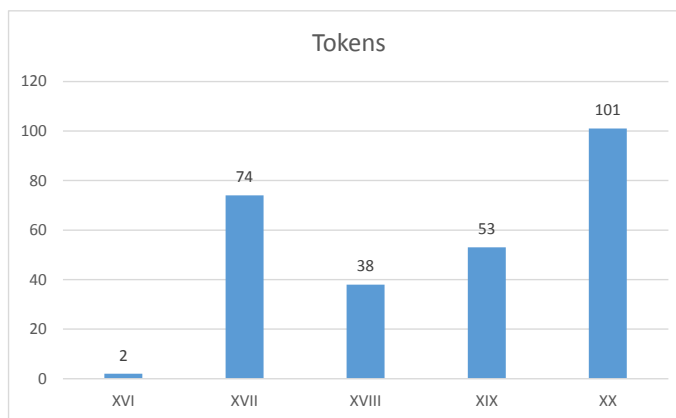


Gráfico I: Frequência *token* de *sendo que* no PE – séc. XVI a XX

O número de palavras em cada período oscila consideravelmente. Contudo, verificamos empiricamente que não é o critério quantitativo que determina o número de ocorrências de *sendo quenos corpora*, mas o tipo e/ou gênero de texto. Apenas os dados do século XX da amostra de Davies e Ferreira (2006) apresentam a variável tipo de texto/gênero, como critério de levantamento. O quadro 2 apresenta os resultados com *sendo que* nos seguintes tipos de texto: acadêmico, notícia e ficção.

Quadro 2: Século XX – Frequênciatoken de *sendo que* e a variável gênero textual

Gênero	Acadêmico	Notícia	Ficção
<i>Tokens</i>	55	37	9

Os resultados apresentados no quadro 2 reforçam a hipótese de que textos argumentativos, uma vez que são os mais produzidos no domínio Acadêmico, são os mais propícios e receptivos ao aparecimento de *sendo que*. Em segundo lugar viriam os textos de base narrativa, como a notícia, e em terceiro os textos ficcionais e/ou literários. Contudo, quanto ao último, qualquer generalização neste momento será prematura e imprecisa.

A explicação para o alto número de ocorrências de *sendo que* no século 17 deve-se exatamente à característica da amostra de textos desse período. Há várias cartas do Pe. Antônio Vieira. Das 74 ocorrências registradas, 35 são excertos de cartas de Vieira, ou seja, praticamente a metade de texto estruturados dentro de princípios argumentativos, como o silogismo e a retórica.

Por sua vez, em toda a amostra de Tarallo (1991) – século XIII a XX - foram encontradas apenas 8 ocorrências de *sendo que*, localizadas pontualmente em dois séculos: XVII e XVIII. No primeiro registram-se 5 ocorrências, no segundo, 3. Verificamos, contudo, um total de 214 usos da forma *sendo* nesse *corpus*, algumas delas assim registradas já no século XVI:

- (5) ...e pera isto poder ser melhor, me pidio o Duque que lhe quygesedaar o treslado de hũa carta que ho senhor Dom Alvaroespreveo a Ell Rey Dom João, na qual se comtem a verdade de tudo, como per ela se veraa, e elle não fez nenhũamensão de nada que nela esteja, **sendo** maesverdadeyra**que** tudo ho que ele pode dizer, e isto melhor lhe cabe o nome de traição que polo ele, homdenunca a pode aver. (16T[CDM], p. 27)

O contexto em que aparecem o *sendo* e o *que* no exemplo (5) fora estudado por Simões (2007) em sua tese de doutoramento. Ao falar sobre as construções adverbiais, Simões (2007, p.253) afirma o estudo da diacronia das CA [construções adverbiais] tem mostrado que elas “estão mais dispostas a lexicalizar-se. Isso provavelmente se dá pelo fato de serem mais

nominais que verbais, o que as torna, portanto, mais suscetíveis desse passo. Isso de alguma forma explica também o surgimento de uma nova locução conjuncional **sendo que** com valor causal.

5.1. Mapeamento e análise da amostra diacrônica do PE

Para Hopper e Traugott (2003), os estudos diacrônicos de padrões de frequência de uma expressão que tem sua ocorrência aumentada ao longo do tempo é uma primeira evidência de gramaticalização.

Para melhor visualização da frequência *token* e *type* de *sendo que* ao longo da história do PE, elaboramos quadros demonstrativos e, para cada padrão *type*, foram extraídos exemplos. No século XVI foram encontradas apenas 2 ocorrências com valor causal: (6) “*de todas as partes lhe pediam se salvasse também a si mesmo. Antes, sendo que se vinham os barcos chegando, abalou só para eles com um rosto alegre*” (16DF1).

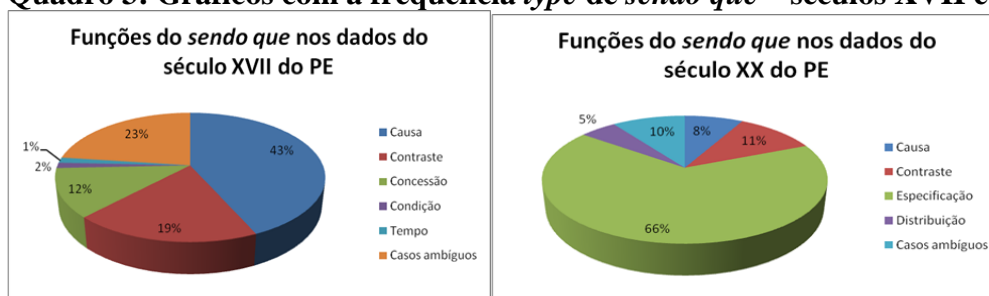
O exemplo acima indica a função causal (conforme paráfrase em 6a) como aquela mais remota da formação perifrástica de *sendo + que*. Esse primeiro contexto permite ainda uma interpretação temporal (conforme 6b):

6a. (...) Antes, **uma vez que**_[causa] se vinham os barcos chegando (...)

6b. (...) Antes, **enquanto**_[tempo] se vinham os barcos chegando (...)

Apresentamos a seguir dois gráficos com a frequência *type* de *sendo que* nos séculos XVII e XX, cuja frequência *token* foi de 74 ocorrências no primeiro e 101 no segundo.

Quadro 3: Gráficos com a frequência *type* de *sendo que* – séculos XVII e XX



O resultado desta análise revelaram-nos certos contextos de uso relevantes – segundo o critério de frequência - de *sendo que*, sintetizados, brevemente, num *continuum* semântico que passa por estágios de causa > concessão > adversatividade (contraste/oposição) > especificação. As amostras citadas em 7 a 9 ilustram tais contextos:

Causal:

(7) “*como mãe piedosa, entranhavelmente os amava. Contudo, por outra parte, sendo que lhe queriam todos como filhos, ainda que com perda sua, se alegraram...*” (17DF38)

Contrastivo:

(8) “*Começou desde entao uma grande conformidade na família, sendo que antes disto todos eram fiscais uns dos outros.*” (17DF16)

(9) “*uma elegante simplicidade é a que dá realce a toda a espécie de beleza. Sendo que, pelo contrario, não ha coisa mais própria para fazer perder uma*” (19DF17)

Especificante:

(10) “*Cada pergunta tem três respostas possíveis, sendo que apenas uma delas é a correcta*” (20DF19)

6. Conclusões

A análise dos contextos de uso da construção *sendo que* no PE revelaram-nos aspectos semânticos, funcionais e cognitivos acionados nos diversos empregos dessa perífrase num período histórico que compreende o século XVI ao XX, com algumas amostras do PE hodierno.

O uso causal foi percebido como uma das funções mais remotas – século XVI – dessa perífrase, tendo uma frequência de 43%, conforme quadro 3, nas ocorrências do século XVII. A função especificante, conforme exemplificado em (3) e (10), parece ser a mais recente. Entretanto, reinterpretções semânticas e reanálises sintáticas acompanham os contextos de uso de *sendo que* até os usos hodiernos. Cognitivamente, a causa aparece como a categoria mais básica de *sendo*, acompanhada, ainda que com reduzida frequência, da categoria tempo, certamente uma das mais básicas. O valor de um elemento especificante na língua – função identificada a partir do século XIX - estaria numa dimensão mais abstrata, próxima dos qualificadores. De acordo com a análise histórica ora apresentada, conjecturamos um *continuum* semântico e cognitivo de *sendo que*, ainda passível de reinterpretção, assim delineado: [tempo] causa > concessão > contraste > especificação [distribuição]. A função especificante e sua correlata distributiva representariam a gramaticalização de uma categoria partitiva no PE atual, hipótese a ser melhor delineada na pesquisa maior.

Os dados sugerem que a derivação do valor especificante do *sendo que* não se deu da passagem imediata de um operador causal, mas, provavelmente, quando tal construção também passou a indicar sentido contrastivo/opositivo, mais tarde delimitativo, tendo como escopo a informação precedente. Eis a razão que nos leva a defender a hipótese de que estaríamos diante de uma reanálise de uma construção com verbo cópula *SER*_{gerúndio} + *que* que assumiria, dentre outros, também função partitiva no português, com frequênciatype de 66% nos dados do século XX, conforme quadro 3.

O fato de a forma cópula *ser* constituir a base verbal dessa perífrase leva-nos a inferir que a propriedade [-gramatical] dessa forma, como elemento relacional entre um argumento externo – o sujeito - e outro argumento interno – o predicativo – foi reanalisada, nos contextos apresentados neste estudo, para a função de conector conjuncional da construção *sendo que* [+gramatical]. Esta, contudo, é uma afirmação que será melhor explicada no desenvolvimento do objetivo mais geral deste trabalho.

Cabe ainda mencionar que o tipo de texto é uma variável importante que deve ser considerada na definição dos contextos de uso do *sendo que*. Como referido acima, os dados do século XX demonstraram que textos de base argumentativa favorecem a ocorrência dessa construção nesse século, variável confirmada no número de casos identificados no século XVII, principalmente nos textos conceptistas do Pe. Antônio Vieira.

Quanto à posição do *sendo que* na sentença, é possível afirmar que ela ocorre, prioritariamente, entre orações. Contudo, observamos que outras posições, como introdução de período, não constituem ambiente restritivo, ainda que ocorram em baixíssimo número. Ele pode também aparecer parenteticamente, com forte valor especificante. Novos testes e análises serão feitas com *sendo que* tanto no PE como no PB, um deles testará como os usuários da língua interpretam essa construção em situações efetivas de uso. Tal estratégia já foi realizada com falantes nativos do PE e será incorporado à sequência deste estudo.

Finalmente, cabe destacar que, no nível pragmático, a perífrase em questão revela a marcação de foco (Dik, 1997) nas sincronias do século XX. Esse domínio analítico, entretanto, será melhor abordado em futuras publicações sobre os usos e funções de *sendo que* no português contemporâneo.

Referências Bibliográficas

BARROS, João de. *Décadas*, IV, X, cap. 9, 592, ed. de 1946. In: SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da Língua Portuguesa*. 10. ed. Vol. X. Rio de Janeiro: Confluência, 1949.

BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: Benjamins, 2002.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CETEMPúblico. *Corpus de extractos de textos eletrônicos do Público*. Disponível em www.cetempublico.pt. Acessado em jan. 2012.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael J. *Corpus do Português*. 2006. Disponível em <http://corpusdoportugues.org/>.

DICIONÁRIO da Real Academia Española. Disponível em <http://lema.rae.es/dpd/?key=sendo>. Acessado em março de 2012.

DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Edited by Kess Hengeveld. 2. ed. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Grande dicionário da Língua Portuguesa*. 25ª ed. Vol. II. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. United States of America: University of Chicago Press, 1995.

HARRIS, Alice C.; CAMPBELL, Lyle. *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press. 1995. In: HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HOPPER, Paulo J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Temas e debates, 2009.

LEHMANN, Christian. Information structure and grammaticalization. In: SEONE, Elena; LÓPEZ-COUSO, María José (eds.). *Theoretical and empirical issues in grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MIRANDA, Pe. Manuel Francisco de. *Gramática Latina*. De harmonia com os programas oficiais. 8. ed. correcta e actualizada pelo Pe. Arlindo Ribeiro da Cunha. Braga: Depósito do Seminário de Braga, 1962 [1901].

PERES, 1992. In: CORREA, Jane; MEIRELES, Elisabet de Sousa. *A compreensão intuitiva da criança acerca da divisão partitiva de quantidades contínuas*. Estudos de Psicologia. 2000, p.11-31)

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes ou Nova GrammaticaPortuguesa*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1950 [1890].

SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da Língua Portuguesa*. 10. ed. Vol. X. Rio de Janeiro: Confluência, 1949.

SIMÕES, José da Silva. *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação da FFLCH. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.

TARALO, Fernando. *Corpus histórico do Português*. Campinas, 1991.